

# A REALIZAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA DE DESCENDENTES DE PORTUGUESES: ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

## *PRONOMINAL SUBJECT REALIZATION IN THE PORTUGUESE DESCENDANTS SPEECH*

Ana Kaciara Wildner<sup>1</sup>

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística - UFSC

### **Resumo**

Este estudo investiga a expressão do sujeito pronominal de sentenças finitas na fala de descendentes de portugueses, residentes nas comunidades de Santo Antonio de Lisboa e Sambaqui (Florianópolis, SC). Objetiva-se analisar se a fala desses informantes apresenta predomínio de características do português europeu ou do português brasileiro com relação ao parâmetro do sujeito nulo. Parte-se dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviana (Teoria da Variação) e em parte do saber teórico desenvolvido pela Gramática Gerativa, o que comumente tem-se chamado de Sociolinguística Paramétrica.

**Palavras-chave:** Sociolinguística variacionista. Parâmetro do sujeito nulo. Mudança linguística.

### **Abstract**

This paper is about the pronominal subject's realization of finite sentences of Portuguese descendants speech, residents in the communities of Santo Antonio de Lisboa and Sambaqui (Florianópolis, SC). We intend to investigate if their speech has more features of the European Portuguese or the Brazilian Portuguese, in respect to null subject parameter. Based on the methodology and theoretical tenets of the Labovian Sociolinguistic Variation Theory and on some theoretical knowledge of the Generative Grammar. This theoretical association is commonly called Parameter Sociolinguistic.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistic. Null Subject Parameter. Linguistic Change.

## **1 INTRODUÇÃO**

Vários estudos têm apontado, com base em investigações empíricas, que o português brasileiro (doravante PB) está passando por um processo de mudança com relação ao parâmetro do sujeito nulo (DUARTE, 1993, 1995, 2008, entre outros). Em outras palavras, o PB oral está perdendo as características comuns às línguas de sujeito nulo (como o italiano e o espanhol, por exemplo), e aproximando-se de línguas de sujeito pleno, como o inglês e o francês (cf. DUARTE, 1995).

O presente trabalho investiga a realização do sujeito pronominal de sentenças finitas nas comunidades de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui (bairros de Florianópolis – SC) especificamente, na fala de descendentes de portugueses. Visa analisar se a fala desses

---

<sup>1</sup> anakaciara@ifsc.edu.br

informantes ainda comporta-se de maneira análoga à do português europeu (PE), quanto ao parâmetro do sujeito nulo, ou se já caminha em direção às línguas [-pro-drop] (de sujeito preenchido). Com base nos critérios estabelecidos para a escolha da amostra (descendentes de portugueses nascidos e crescidos em Florianópolis), e pela razão de Florianópolis apresentar um uso expressivo do *tu* como pronome de 2ª pessoa do singular combinado, várias vezes, à concordância canônica, fator que favorece o sujeito nulo (cf. MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002), acredita-se que a fala desses informantes, especialmente os da faixa etária maior, apresentará um percentual maior de sujeitos nulos, se comparada a outros *corpora* já estudados (DUARTE, op. cit.).

Por outra parte, espera-se, também, que o percentual de sujeitos expressos foneticamente seja maior que o de sujeitos apagados, haja vista que na referida cidade é comum o uso do pronome *a gente* concorrendo com *nós*. Ademais, o pronome *tu* também se combina com verbos sem marca distintiva, fator que parece favorecer o preenchimento do sujeito (cf. MENON; LOREGIAN-PENKAL, op. cit.) Dessa forma, acreditamos que ratificaremos a hipótese levantada por Duarte (1995) de que o português brasileiro está passando por um processo de mudança linguística indo na direção de uma língua [+pro-drop] para [-pro-drop].

O trabalho está organizado em quatro partes. Na seção seguinte, apresentamos algumas reflexões sobre a Sociolinguística Paramétrica, na qual este estudo se apóia; bem como uma breve síntese do aporte teórico já recebido pelo parâmetro do sujeito nulo – objeto de interesse deste artigo. Na seção 3, referente à metodologia, são apresentados os fatores condicionadores que foram controlados, bem como a caracterização da amostra analisada. Na seção 4, trazemos os resultados obtidos através das rodadas estatísticas do programa Goldvarb 2001, acompanhados da descrição e análise dos mesmos. Na última parte, fazemos algumas considerações finais, nas quais refletimos sobre a atual fase do parâmetro do sujeito nulo no PB, o qual se encontra em evidente variação quanto a esse fenômeno linguístico.

## 2 CONCILIANDO TEORIAS CONTROVERSAS: SOCIOLINGUÍSTICA E GRAMÁTICA GERATIVA

Este trabalho apóia-se no aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), e traz parte das reflexões teóricas da Gramática Gerativa, com relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo, principalmente; e parte da sintaxe gerativa para a escolha e análise dos fatores condicionadores internos à língua. A tentativa de conciliação das duas vertentes é comumente chamada de Sociolinguística Paramétrica (cf. proposta apresentada por KATO; TARALLO, 2003 [1988]) e tem possibilitado avanços na compreensão de vários fenômenos em variação no PB, dentre eles o sujeito nulo vs. o sujeito realizado foneticamente em função anafórica.

A conciliação desses dois modelos é vista com ressalvas por muitos estudiosos pelo fato de que a Sociolinguística Variacionista parte do pressuposto de que todas as línguas são heterogêneas, diferentemente da perspectiva formalista. Em Weinreich; Labov e Herzog (op. cit.), os autores criticam a postura formalista de excluir a fala dos estudos linguísticos, e postulam a heterogeneidade das línguas com base em estudos empíricos

que comprovam que existe sistematicidade na variação. Argumentam, também, que as variantes linguísticas carregam significado social, sendo este um fator que pode favorecer, inibir ou retardar um processo de mudança – conforme o prestígio, estigma, neutralidade/não percepção do fenômeno em questão. Para as correntes formalistas, a língua é um sistema homogêneo e abstrato de regras, sendo dever do linguista compreender e explicá-la. Por muito tempo, estes estudiosos desconsideraram a fala como objeto de interesse para a ciência da linguagem, devido à crença de que ela era agramatical, pois apresentava muitas sentenças mal-formadas, truncadas, o que impossibilitaria explicar o sistema subjacente aos dados orais. Kato e Tarallo (cf. comentado), todavia, propuseram um modelo de estudo que procura conciliar os estudos gerativos (de caráter formal) com a Teoria da Variação, o que tem possibilitado compreender e explicar vários fenômenos em processo de mudança observados no português brasileiro.

A Sociolinguística Paramétrica parte do pressuposto da teoria gerativa chomskyana de que o ser humano nasce com uma capacidade inata para adquirir a linguagem e que possui uma gramática universal constituída por princípios e parâmetros. Os princípios são gerais a todas as línguas do mundo, enquanto os parâmetros são responsáveis pelas diferenças entre as línguas naturais. Durante a aquisição da linguagem fixamos (positivamente ou negativamente) os parâmetros específicos de uma dada língua à qual somos expostos. Um dos princípios refere-se à possibilidade de o sujeito não ser realizado foneticamente: o parâmetro do sujeito nulo. A referência para sua marcação é o parâmetro pro-drop. Se uma determinada língua for de sujeito nulo, a criança, na fase de aquisição da linguagem, marcará esse parâmetro positivamente (+ pro-drop); caso essa língua seja de sujeitos preenchidos, irá marcá-lo negativamente (- pro-drop). No entanto, através de análises de dados empíricos, percebe-se que essa bipolaridade não consegue dar conta do que ocorre em línguas que estão passando por um processo de mudança, como é o caso do PB (cf. DUARTE, 2001). Na próxima seção, discutiremos essa questão, dentre outras relacionadas a esse parâmetro.

## **2.1 Parâmetro do sujeito nulo: mudança em curso no PB**

Comentamos anteriormente que a marcação positiva ou negativa de parâmetros não parece aplicar-se a todas as línguas. Considerando o PB, será que a criança no período da aquisição da linguagem marca o parâmetro do sujeito nulo positiva ou negativamente? Para responder a essa pergunta seria necessário realizar um estudo quantitativo para verificar se há variação nesse período ou se a criança marca o parâmetro negativamente e mais tarde, na escola, com o aprendizado da norma-padrão, descobre que a dupla marcação do sujeito não é recomendável pela Gramática Tradicional; ou se adquire um paradigma variável. A partir dessa problemática, Duarte (1995) propôs que deve haver uma escala na qual seja possível localizar as línguas em diferentes pontos, indo desde [+sujeito nulo] até [-sujeito nulo]. Em Duarte (2001), a autora retoma a questão e defende que esse contínuo deve ser aplicado às línguas que estão em processo de mudança, como o PB, já que nesse estágio a sintaxe da língua (ao contrário do que defendem alguns autores, como LAVANDERA, 1978) pode apresentar-se em variação. A seguir, será apresentado um breve resumo das contribuições que o parâmetro do sujeito nulo vem recebendo, desde sua postulação por Chomsky (1981, *apud* DUARTE, 1995).

Primeiramente acreditava-se que uma morfologia verbal “rica”, com desinências verbais distintas, é que licenciaria o sujeito nulo (CHOMSKY, 1981, *apud* DUARTE, 1995). Entretanto, a partir de dados de sujeitos nulos encontrados em línguas que não possuem um paradigma flexional com essas marcas, concluiu-se que um paradigma uniforme também poderia licenciar o sujeito nulo (JAEGLI; SAFIR, 1989, *idem*).

Roberts (1993, *ibidem*), por seu turno, acrescenta que um paradigma funcionalmente rico admite uma desinência  $\langle \emptyset \rangle$  e um sincretismo (uma mesma forma verbal para duas pessoas gramaticais diferentes: *você/ele* canta, por exemplo). Já Duarte (*op. cit.*), levanta a hipótese de que a existência de até dois sincretismos ainda permite licenciar o sujeito nulo, com base em estudo empírico sobre o português europeu coloquial, dado que essa língua utiliza tanto a desinência  $[\emptyset]$  (marca zero) quanto a desinência  $[-m]$  para designar pessoas do discurso diferentes: *você/ele(a)* e *vocês/eles(as)*, respectivamente. Segundo a autora, no PE o uso dos pronomes *você* e *vocês* não substituiu os pronomes pessoais *tu* e *vós*, diferentemente do PB, e funcionam como formas adicionais, de tratamento. Quanto ao PB, a partir de um estudo diacrônico com textos de peças de teatro, Duarte (1993) observou a perda gradual do sujeito nulo no PB. No período em que coexistiam as formas *você* e *tu* (1845 a 1918), o parâmetro do sujeito nulo comportava-se semelhantemente ao PE atual, ou seja, a porcentagem de sujeitos nulos era superior à de sujeitos plenos. No entanto, quando a forma *tu* é substituída pela forma *você*<sup>2</sup> (1937), nota-se a queda de sujeitos nulos; e com a entrada da forma *a gente* no último período analisado (1992), o paradigma flexional do PB perde sua riqueza funcional e, conseqüentemente, o percentual de sujeitos plenos é muito superior ao de sujeitos nulos (cf. DUARTE, 1993).

A introdução da expressão *a gente* no paradigma pronominal, combinada à mesma forma verbal que outras pessoas do discurso (2ª e 3ª pessoa do singular<sup>3</sup>) e em variação com o pronome *nós* resultou na perda da riqueza funcional, haja vista que há mais de dois sincretismos e os paradigmas flexional e pronominal não se apresentam uniformes. Como consequência, o PB está perdendo as características de língua de sujeito nulo: i) preferência pelo sujeito nulo em todos os contextos; ii) ausência de sujeito pleno com o traço  $[-\text{animado}]$  e; iii) inversão livre do sujeito (cf. DUARTE, 1995).

### 3 METODOLOGIA

Seguindo os procedimentos metodológicos da pesquisa sociolinguística variacionista (TARALLO, 2002), para analisar o fenômeno linguístico da realização do sujeito pronominal, controlamos as variáveis externas escolaridade e faixa etária: i) entre 15 a 35 anos e acima de 39 anos; ii) escolaridade de até 4 anos e acima de 12 anos. Para cada célula foram entrevistadas duas pessoas, totalizando oito informantes.

Realizamos as entrevistas nas comunidades de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, seguindo os seguintes critérios para seleção dos informantes: i) ser nascido em

<sup>2</sup> Assume-se tal afirmação, se consideramos um contexto macro. É importante, destacar, porém, que o pronome *tu* é usado em algumas regiões do Brasil, especialmente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002).

<sup>3</sup> Se considerarmos as variedades não-padrão, veremos que no paradigma verbal do PB é possível que a desinência zero ocorra em todas as pessoas (cf. DUARTE, 1995, p. 56).

Florianópolis, de preferência nas comunidades investigadas, e descendente de portugueses; ii) haver permanecido nas referidas comunidades pelo menos até o fim do período de aquisição do vernáculo; e, iii) passado este período, não ter se ausentado da cidade por mais de dois anos consecutivos.

Anteriormente às entrevistas, realizamos um levantamento bibliográfico junto ao NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) e ao Centro Integrado de Cultura (CIC) – ambos em Florianópolis – para obter informações sobre a História, Geografia, manifestações culturais e dados demográficos das comunidades investigadas. Dessa maneira, foi possível conduzir as entrevistas com maior segurança, de modo a favorecer a espontaneidade da fala dos entrevistados. Estes demonstravam estar visivelmente motivados a contar-nos sua história de vida, os feitos de seus antepassados, suas memórias saudosistas, as manifestações artísticas e culturais, bem como a evolução da história de suas comunidades. Por esses motivos, acreditamos que foi possível obter dados do vernáculo para a análise do fenômeno da expressão do sujeito, minimizando o chamado paradoxo do observador que constitui um empecilho a ser vencido pelo pesquisador sociolinguista (LABOV, 2008 [1972]).

Uma vez realizadas as entrevistas, procedeu-se à transcrição de dez minutos da fala de cada informante, excluídos os primeiros dez minutos<sup>4</sup>. Os dados foram submetidos ao pacote estatístico Goldvarb 2001. Na subseção seguinte, são apresentados os grupos de fatores condicionadores aos quais a variável dependente foi submetida.

### 3.1 Fatores condicionadores

Nesta investigação analisamos somente os sujeitos pronominais de referência definida e indeterminada (arbitrária) de sentenças com tempo. Não fazem parte deste estudo os sujeitos retomados por sintagmas nominais (1), o sujeito nulo expletivo<sup>5</sup> (2), as sentenças com verbos de ligação retomando um contexto discursivo ou um referente [-animado] (3), tampouco os sujeitos de sentenças infinitivas (4). Duarte (1995) chama a atenção para um tipo de construção com o verbo *ser*, na qual este funciona como um dêitico, ou seja, seu referente é o contexto no discurso precedente, não sendo possível recuperá-lo por um pronome pessoal, senão por um demonstrativo (5). Da mesma maneira que a autora, encontramos várias construções como essa, optando por não incluí-las na análise. É importante destacar que foram excluídos da análise os marcadores discursivos do tipo *sabe, entendeu/entendesse*<sup>6</sup>, uma vez que o sujeito nulo é praticamente categórico.

<sup>4</sup> Devido à fala de alguns informantes ter apresentado uma quantidade de dados desproporcional aos demais informantes, não foram considerados os dez minutos de transcrição de todos os informantes na íntegra.

<sup>5</sup> O sujeito nulo expletivo é um pronominal nulo que ocorre em construções com verbos inacusativos, entre os quais se encontram os apresentativos, os existenciais e as formas passivas (cf. DUARTE, 1995). Em estudo sobre o sujeito expletivo em construções existenciais, Duarte (2003) chama a atenção para o fato de a posição à esquerda do verbo (posição do sujeito) aparecer frequentemente preenchida por algum elemento – principalmente por SADVs (sintagmas adverbiais), SPs (sintagmas preposicionais) e, interessantemente, por pronomes pessoais.

<sup>6</sup> É comum em Florianópolis a assimilação do [s] sobre o [t] na desinência dos verbos de 2ª pessoa do singular (*tu*) do Pretérito Perfeito do Indicativo, como *entendesse, visse, fizesse*, por exemplo.

- (01) Mas cada um tem esse talento, **todo mundo** tem talento, **todo mundo** tem a sua sabedoria, **todo mundo** é inteligente, Deus não botou ninguém burro no mundo. (P2D)
- (02) Aqui em Santo Antonio **a gente expl.** tem bastante gente, assim, que gosta disso. (S2G)
- (03) Olha, **cv.** é divertido também, é uma coisa bem divertida pra ela. (P1B)<sup>7</sup>
- (04) ... sempre fiz já, além do meu pai ser professor de educação física, né, e **cv.** ensinar a gente, tal, mas sempre fiz natação no centro e, imagina, dentro d'água o dia intero, assim, não. (S1F)
- (05) Nós fizemos os tapetes, né. As crianças, a comunidade fez os tapetes, às nove e meia da manhã teve a missa e, em seguida a procissão, e à noite teve uma, uma, um jantar de resgate da culinária açoriana feito pelo, pelo CEFET e pelos estudantes de gastronomia. Então, **cv.** [isso] foi muito interessante também, foi um baita de um evento, né. (S1E)<sup>8</sup>

A variável dependente investigada foi o sujeito nulo vs. preenchido. Os fatores linguísticos controlados foram: i) a pessoa do discurso; ii) forma pronominal; iii) estrutura sintática; iv) animacidade do pronome; e v) referência do sujeito. Quanto às variáveis sociais, elegemos a escolaridade e a faixa etária como relevantes para o estudo.

### 3.1.1 Variáveis linguísticas

#### 3.1.1.1 Pessoa do discurso

Alguns estudos apontam que a terceira pessoa do discurso é favorecedora do sujeito nulo, haja vista que a identificação do mesmo se dá pela correferência com algum sintagma nominal, pelo contexto discursivo ou pragmático. Por esse motivo, esse tem se mostrado um contexto de resistência ao sujeito pleno (cf. DUARTE, 1995). Quanto à primeira pessoa do discurso, os números apontam para um maior preenchimento do sujeito, mesmo em línguas consideradas [+pro-drop] (como o espanhol e o italiano, por exemplo). Alguns estudiosos atribuem o maior preenchimento do sujeito na primeira pessoa a fatores discursivos. Argumentam que a inserção do falante no discurso geralmente não se dá apenas pela desinência verbal, mas também pelo uso do pronome pleno (OCHS; DURANTI, 1979 *apud* DUARTE, 1995; MORALES, 1980 *apud* SOARES DA SILVA, 2006). Com relação à segunda pessoa, os resultados obtidos por Duarte (*op. cit.*) comprovam que esse contexto, além de ter sido o fator desencadeador da mudança no PB, é o que mais prontamente cedeu ao sujeito pleno. Logo, de maneira semelhante aos estudos já realizados, acreditamos que o percentual de sujeitos nulos será maior na terceira pessoa e menor na primeira e segunda pessoa.

<sup>7</sup> As abreviaturas “expl.” e “cv.” significam *expletivo* e *categoria vazia*, respectivamente.

<sup>8</sup> Os exemplos são identificados pela escolaridade P (inferior a 4 anos) e S (superior a 12 anos); pela faixa etária 1 (entre 15 a 35 anos) e 2 (acima de 39 anos) e pelo informante (A, B, C, D, E, F, G e H).

### 3.1.1.2 Forma pronominal

Muitos estudiosos atribuem as mudanças que estão ocorrendo na marcação do parâmetro do sujeito nulo no português brasileiro, dentre outras, à entrada do pronome *você* no quadro pronominal em detrimento do pronome *tu* (cf. comentado na seção 2.1). Ademais, a entrada do pronome *a gente* favoreceu fortemente a perda da opção pelo sujeito nulo (cf. DUARTE, 1993). No contexto de Florianópolis, entretanto, o pronome *tu* não foi substituído pelo pronome *você*, como ocorreu em grande parte do Brasil, conforme podemos observar na tabela adaptada de Menon e Loregian-Penkall (2002):

**TABELA 1.** Distribuição dos informantes, segundo utilizem um ou dois pronomes de segunda pessoa (em número de falantes) (adaptada de MENON; LOREGIAN-PENKALL, 2002)

Pronomes	Florianópolis
só TU	13>
TU + VOCÊ	10<
só VOCÊ	01<

Como podemos visualizar na tabela acima, o número de falantes que apresentam somente o *tu* em seu paradigma pronominal supera o de falantes que possuem as duas formas em variação (maior que 13 e menor que 10, respectivamente). Quanto ao uso exclusivo da forma *você*, as autoras encontraram um único informante nos dados analisados.

É importante salientar, por outra parte, que quanto aos dados analisados nesta investigação, o pronome *tu*, apesar de ter aparecido algumas vezes combinado a verbos com desinência distintiva característica, <-sse> e <-s> (cf. dados 8 e 9), na maioria dos dados analisados, aparece acompanhado de verbos com a marca morfológica zero, tanto na fala do grupo menos escolarizado quanto na do grupo mais escolarizado (dados 6, 7 e 10).

(06) ... mas na maioria do, um monte de coisa se tu **vai** ver não tem ... (P1A)

(07) Tu não **lembra**? (S1E)

(08) SN, vem aqui. Que que tu **fizesse**? (P2C)

(09) Até meu marido .. me dito: “Tu te **metes** em tudo”. (S2H)

(10) - Tu **vai** lá?

- Não senhor. Não senhora. (P2C)

Agregado ao fato de o pronome *tu* estar sendo usado, frequentemente, combinado a formas verbais com a marca morfológica zero, o uso do pronome *a gente* supera o do pronome *nós*. Por esses motivos, nossa hipótese é que o percentual de sujeitos plenos com as formas *tu*, *você* e *a gente* será maior que o de sujeitos nulos, haja vista que as três formas podem combinar-se com a marca zero (Ø).

Com relação às formas pronominais *eu* e *nós*, acreditamos que possam mostrar-se contexto de resistência do sujeito nulo, isso porque ambas podem combinar-se a formas

verbais com desinência distintiva, através da qual é possível identificar o referente<sup>9</sup>. Quanto aos pronomes *ele*, *ela*, *eles* e *elas*, nossa hipótese é que apresentem um percentual significativo de sujeito nulo, conforme outros estudos vêm apontando, uma vez que esse é um dos recursos usados para indeterminar o sujeito. Considerando que o paradigma flexional do PB, no contexto analisado, encontra-se bastante reduzido, esperamos que o sujeito nulo apresente porcentagem menor que o sujeito preenchido em todas as formas pronominais.

### 3.1.1.3 Estrutura sintática

Com relação à estrutura sintática, analisamos as sentenças segundo sua função em: i) principais (entre as quais incluímos as independentes e as primeiras coordenadas), ii) adjuntivas, iii) relativas, iv) completivas, v) coordenadas e vi) clivadas.

Embora sabendo que com orações coordenadas é mais comum o sujeito aparecer nulo – dado que o referente se encontra próximo ou em sequência ordenada, muitas vezes – optamos por incluí-las em nossa primeira análise, com o intuito de observar como o sujeito nulo se comportaria nesse contexto. Nossa hipótese é que esse será um condicionamento favorável à elipse do sujeito, não negando, porém, que sua realização fonética também se dará nesse contexto sintático. Dessa forma, serão apresentados os resultados das duas rodadas realizadas, com e sem as coordenadas (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> rodadas, respectivamente), sempre que se julgar relevante para a variável analisada.

Duarte (1995) identificou que as relativas favorecem amplamente o sujeito pleno (até mesmo no português europeu, que ainda se comporta como [+pro-drop]). Considerou que isso era devido ao preenchimento de Spec CP (especificador do complementizador, que é a posição ocupada pelo pronome relativo na categoria funcional CP). Ademais, levantou a hipótese de que este deve ter sido o contexto que possibilitou o início da disputa entre o sujeito nulo e o pleno no PB. Quanto às subordinadas completivas e adjuntivas, observou que nas que vinham antepostas à principal, o índice de sujeitos nulos era menor do que nas que vinham pospostas à oração principal. Da mesma maneira, as orações principais que vinham pospostas à subordinada também apresentavam índice maior de sujeitos nulos. Tal fenômeno se deve à possibilidade de que as orações pospostas tenham seu sujeito numa relação de correferência com o sujeito da oração anterior (cf. DUARTE, op. cit.). Dessa maneira, acreditamos que nossos resultados confirmarão os resultados obtidos pela autora, apesar de que nossa análise não será tão detalhada, em virtude da natureza deste estudo.

### 3.1.1.4 Animacidade do sujeito

Em uma língua de sujeitos nulos prototípica, um pronome pleno com referente [-animado] nunca é esperado, exceto ser for um pronome demonstrativo. Acreditamos que esse possa ser um contexto favorecedor do sujeito nulo na terceira pessoa, portanto,

---

<sup>9</sup> Com exceção do pronome *eu*, que em alguns tempos verbais acompanha verbos com a marca morfológica zero, como no Pretérito Imperfeito <eu cantava> e no Futuro do Pretérito do Indicativo <eu cantaria>.



de resistência à variável inovadora: pronome pleno<sup>10</sup>. Contudo, esperamos que haja ocorrências de sujeitos plenos nesse contexto, indicando-nos que a mudança está se implementando, também, na variedade falada em Florianópolis.

### 3.1.1.5 Referência do sujeito

Na presente análise foram incluídos os sujeitos de referência definida e os de referência arbitrária (indeterminada). Devido à dificuldade de classificar determinados sujeitos que não pareciam adequar-se aos rótulos de *definido* e *arbitrário*, optamos por classificá-los como de referência genérica (cf. subseção 4.5). Espera-se que os sujeitos de referência arbitrária favoreçam o sujeito nulo, uma vez que, tradicionalmente, uma das estratégias para indeterminação do sujeito é usar a forma verbal na 3ª pessoa (singular ou plural) – além da partícula *se* que também tem essa função. Quanto aos sujeitos de referência definida, acredita-se que este será um contexto favorável ao sujeito pleno, bem como os de referência genérica, pela semelhança destes com os sujeitos de referência definida.

## 3.1.2 Variáveis sociais

### 3.1.2.1 Escolaridade

Dentre as variáveis sociais, a escolaridade constitui um fator importante quando se trata de fenômenos em variação que carregam consigo marcas de prestígio ou estigma. No caso do preenchimento do sujeito, especificamente, acreditamos que não há um peso social significativo, principalmente quando se trata da oralidade informal. É preciso considerar, entretanto, que no período de escolarização, geralmente nos é ensinado que o preenchimento do sujeito é redundante, já que a desinência nos permite identificar o referente. Isso porque na maioria dos gêneros textuais escritos, não se registra o uso da expressão *a gente* e, mantêm-se as desinências distintivas, o que justificaria a predominância do sujeito nulo. No entanto, como já foi discutido anteriormente, na oralidade do PB o uso de *a gente*, somado a outros pronomes que se combinam com a mesma forma verbal que esta, resulta na dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de identificação do referente somente pela desinência verbal. Destarte, consoante com Duarte (1995), nossa hipótese é que a escolaridade não será um fator selecionado como significativo para a ocorrência do sujeito nulo, já que o fenômeno em questão não apresenta estigma social.

### 3.1.2.2 Faixa etária

Sempre que lidamos com fenômenos em processo de mudança, o controle da faixa etária é necessário para que se possa analisar o estágio em que se encontra a mudança. Com relação ao sujeito nulo, é possível que os informantes da faixa etária maior apresentem uma porcentagem maior de sujeitos nulos que o grupo mais jovem. Isso

---

<sup>10</sup> As demais pessoas gramaticais são dêiticas de referentes [+humanos] e/ou [+animado], de maneira geral. A terceira pessoa, por sua vez, possibilita a correferência com sujeitos [+/- humanos], bem como [+/- animados].

porque, acredita-se que é possível conhecer o estágio da língua em determinadas épocas passadas, pelo fato de a pessoa preservar seu vernáculo durante toda a vida, deixando-o transparecer em situações espontâneas e informais de uso da linguagem. Dessa forma, ancorados na hipótese de que os informantes mais velhos possuam um paradigma com as formas *nós* e *tu*, acreditamos que o sujeito nulo possa ser favorecido.

#### 4 O QUE OS RESULTADOS NOS APONTAM: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

##### 4.1 Pessoa do discurso

Na primeira rodada unidimensional feita, na qual incluímos as orações coordenadas, obtivemos os seguintes resultados quanto à pessoa do discurso:

**TABELA 2.** Frequência de sujeito nulo e preenchido segundo a pessoa do discurso

<i>Pessoa Gramatical</i>	<i>Nulo</i>		<i>Preenchido</i>	
	Apl./Total	(%)	Apl./Total	(%)
1ª Pessoa sing./plural	141/386	36%	245/386	63%
2ª Pessoa sing./plural	14/36	38%	22/36	61%
3ª Pessoa sing./plural	179/364	49%	185/364	50%
Total	334/786	42%	452/786	57%

Podemos observar que a porcentagem de sujeitos nulos é bastante significativa em todas as pessoas do discurso, com destaque para a 3ª pessoa que apresenta um número bastante elevado de sujeitos nulos (49%), ratificando nossa hipótese inicial (cf. comentado na seção 3.1.1.1). No entanto, mesmo com a inclusão das orações coordenadas – contexto favorável ao sujeito nulo – nota-se que os sujeitos plenos superam os nulos em todas as pessoas do discurso. Quando se excluem as orações coordenadas da análise, os resultados para o sujeito nulo continuam inferiores a 50% (com o sujeito preenchido superando-o em todas as pessoas do discurso): 31%, 44% e 37%, para a 1ª, 2ª e 3ª pessoa, respectivamente. A exclusão das coordenadas, interessantemente, contribuiu para que o índice de sujeito nulo aumentasse na 2ª pessoa do discurso sem a presença dessas orações (38% > 44%), apontando que o fenômeno se encontra em evidente variação. O elevado número de presença pronominal explícita em orações coordenadas (cf. dado 11) nos sinaliza que a expressão fonética do sujeito já está sendo realizada até mesmo em contextos favorecedores do sujeito nulo.

- (11) Então, dessa forma aqui, ele não escorrega, as pessoas caminham, dançam, pulam, se desis, sei lá, faz o que quiser, **ele** não escorrega dos ombros, **ele** não é desconfortável, ele, **ele** encaixa nos ombros das mulheres. (P2D)

Os resultados obtidos, expressos na tabela 2, corroboram nossa hipótese inicial de que o percentual de sujeitos nulos seria maior na terceira pessoa e menor na 1ª e 2ª pessoa do discurso. Entretanto, se analisamos os dados da rodada que exclui as coordenadas, vemos que o percentual de sujeitos nulos da 2ª pessoa supera o da 3ª pessoa, podendo ser decorrente de que no contexto analisado utiliza-se o pronome *tu* para referir-se à

segunda pessoa singular, com destaque para o “pronomes-zero” como estratégia para referir-se ao interlocutor<sup>11</sup>. Aprofundaremos essa discussão na subseção seguinte, na qual veremos como o sujeito nulo se comporta com relação às várias formas de representá-lo.

## 4.2 Forma de representação do sujeito pronominal

Analisando as diferentes formas pronominais de representação do sujeito, encontramos apenas duas ocorrências do pronome *você* nos dados analisados, sendo as duas realizadas pela mesma informante. Esta informante utilizou, porém, o *tu* nos relatos familiares, e proferiu *você* dirigindo-se ao entrevistador, no momento de locução em que estava criticando o uso de *tu* para dirigir-se às pessoas de maior idade ou desconhecidas:

- (12) A gente foi, criou-se educada, sabia, respondia as pessoa, meu pai sentava nós dois na banca e dizia assim: “Olha, meu filho, vou dizer uma coisa pra vocês dois”. Hoje ninguém chama filho pra fazer isso. “Quando papai chamar, **você** diz: senhor, não, senhor e senhor. Quando a tua mãe chamar: senhora, não senhora. (P2C)
- (13) Era educado, não, a educação que eles davam pra gente não era chamar TU: “tu vai”, “o que?”. Se o senhor, se **você** fosse o meu pai que ele me chamasse eu não ia dizer “o que é” [onomatopéia de negação], eu ia dizer: “Senhor”. A minha mãe: “Senhora”. “Tu vai lá?”. “Não senhor”. “Não, senhora”. Hoje não se vê dizer isso. (P2C)

Com relação ao pronome *vocês* e ao DP formado por *pronome + SN* (14), estes apareceram somente três vezes nos dados analisados e, assim como o pronome *você*, foram realizados foneticamente em todas as ocorrências. Dessa forma, na segunda rodada foram excluídas essas três formas de representação do sujeito, por não haver variação; bem como as orações coordenadas e as sentenças clivadas – contextos amplamente favorecedores do sujeito nulo e do sujeito pleno, respectivamente. As sentenças com pronome relativo na função de sujeito provaram ser um contexto no qual a ocorrência do sujeito nulo é categórica (15), sendo, portanto, excluídas das análises posteriores à primeira.

- (14) Aí, sempre peço uma, aí, vai **eu, meu pai**. Aí, a minha mãe, o namorado da minha irmã, vão, vão lá cuidar do estacionamento, que o dono do estacionamento é meu primo. (P1A)
- (15) É a mesma coisa tentar ir meter a mão num cachorro que **cv** é arrisco. (P1B)

A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos nas duas rodadas realizadas para a forma de representação do sujeito pronominal:

<sup>11</sup> Quanto à forma plural da segunda pessoa do discurso, só aparecem 3 dados na amostra analisada, cf. veremos na próxima subseção.

**TABELA 3.** Frequência de sujeito nulo e preenchido segundo a forma de representação do sujeito pronominal

Forma de representação do sujeito	1ª Rodada				2ª Rodada			
	Nulo		Preenchido		Nulo		Preenchido	
	Apl./Total		Apl./Total		Apl./Total		Apl./Total	
Eu	123/318	38%	195/318	61%	85/251	33%	166/251	66%
Tu	6/23	26%	17/23	73%	4/19	21%	15/19	78%
Você	0/2	0%	2/2	100%				
Ele/Ela	99/231	42%	132/231	57%	38/117	32%	79/117	67%
Nós	10/19	52%	9/19	47%	5/13	38%	8/13	61%
A gente	7/44	15%	37/44	84%	1/30	3%	29/30	96%
Vocês	0/3	0%	3/3	100%				
Eles/Elas	49/103	47%	54/103	52%	15/53	28%	38/53	71%
Pron. Pessoal + SN	0/3	0%	3/3	100%				
Total	294/746	39%	452/746	60%	148/483	30%	335/483	69%

Analisando a tabela acima, observamos que o número de sujeitos plenos na segunda rodada é superior ao de sujeitos nulos em todos os contextos, sendo praticamente categórico o sujeito pleno com o pronome *a gente*, nas ocorrências analisadas.

É importante destacar que, quanto aos sujeitos nulos, não controlamos a forma de representação dos sujeitos, cujos verbos apareceram com a marca zero referindo-se à segunda pessoa e sem correferência explícita, em virtude de não ser possível afirmar se faziam referência a *tu*, *você* ou *senhor/senhora* (16 a 19). Por outra parte, poderíamos ousar dizer, por inferência, que tais formas verbais se referiam ao *tu*, já que essa foi a forma predominante no discurso de todos os informantes, com exceção de uma que pronunciou duas vezes a forma *você* – porém de maneira marcada conforme já comentado. No entanto, tal inferência só poderia ser feita para os discursos reportados nos quais os interlocutores estavam numa situação de informalidade, já que quando as perguntas eram destinadas ao entrevistador, não é possível precisar se o falante usaria *tu* para uma pessoa desconhecida, ou se optaria pelas formas *o senhor*, *a senhora* ou *você*. Abreu (1987) e Ramos (1989), ambos citados em Menon e Loregian-Penkall (2002), já constatarem o “pronome zero”, em Florianópolis, como uma nova forma de dirigir-se ao interlocutor, isto é, o falante emprega o pronome com a forma verbal sem marca distintiva (marca  $\emptyset$ ) e sem pronome sujeito (16 a 19), como já comentamos.

(16) **cv** Sabe por que? (P2D)

(17) a. **cv** Já ouviu falar? (S1E)

(18) E eu: “ **cv** Pode deixar comigo”. (S1E)

(19) Existem mais de cinco festas do Divino Espírito Santo, **cv** sabia, né. (S2G)

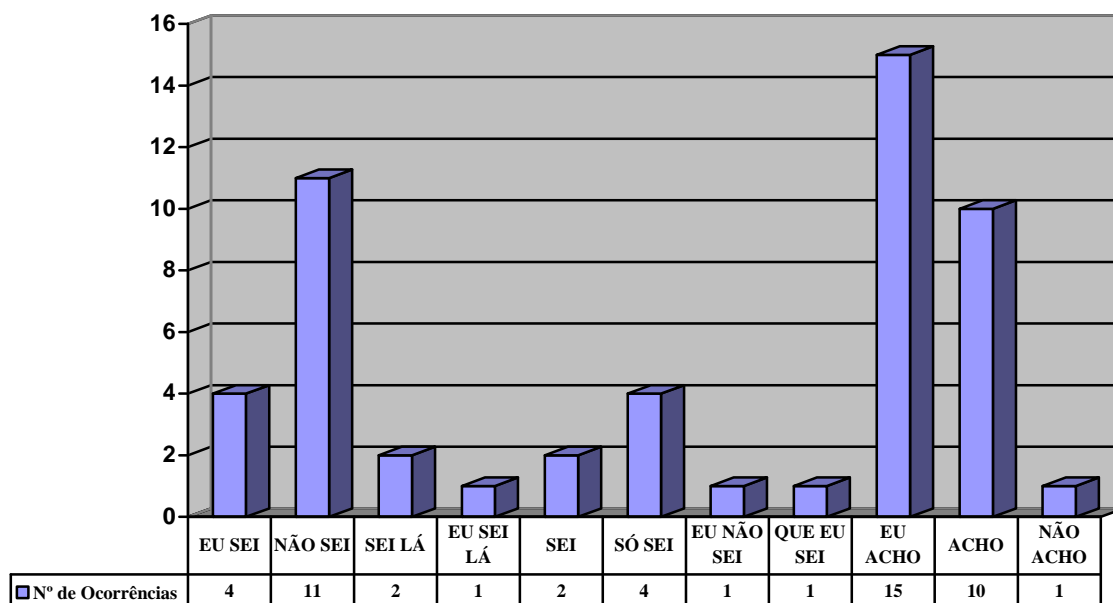
Da mesma maneira, não controlamos a forma de representação dos sujeitos nulos de terceira pessoa que não possuíam um correferente definido (34 ocorrências). Observamos que esses sujeitos nulos serviam para assinalar a indeterminação do sujeito (20 e 21) – fato que se pode constatar se colocarmos o SN *a pessoa* ou *as pessoas* nessa

posição vazia. Também, o sujeito nulo é usado para dar instruções e indicações (22 e 23).

- (20) Teve um [boi] que foi parar lá na Daniela, é porque ali **cv.** cruzou o Bico do Pontal ali, só **cv.** cruzou o rio largo já **cv.** sai direto na Daniela ali. (P1B)
- (21) Na terça-feira, é, **cv.** comemorou os 80, é, na, aqui na casa Açoriana, **cv.** comemoraram os 80 anos de Eli Haill. (S1E)
- (22) [o boi] É soltado no mato aqui. É, aí, **cv.** solta no mato e o bicho fica no mato, daí chega de noite e **cv.** solta, eles só vejo o bicho se embrenhando no mato. (P1B)
- (23) Então, esse modelo aqui, também eu já criei diferente, assim oh, tipo, **cv.** joga encima, né, tipo coletinho assim, **cv.** joga encima, a pessoa não precisa de muita jóia, porque ele é todo fechadinho na frente, ele fica retinho, e se quiser botar um broche, **cv.** bota, senão um laço. (P2D)

Com relação à primeira pessoa do singular, diferentemente de Duarte (1995) resolvemos incluir as sentenças raízes com os verbos epistêmicos “(eu) acho” e “(eu/não) sei”, uma vez que observamos que nesses contextos havia variação, portanto, de interesse para a análise (OLIVEIRA, 1987). As ocorrências encontradas demonstram que no primeiro caso, a predominância é do sujeito nulo, e no segundo, do sujeito pleno, conforme ilustra o gráfico seguinte:

**Gráfico 1: Ocorrências dos verbos epistêmicos "achar" e "saber"**



Quanto à primeira pessoa do plural, houve predomínio do pronome *a gente* (44 ocorrências) sobre o pronome *nós* (19 ocorrências). Excluídas as orações coordenadas, o total de sujeitos plenos foi quase categórico com o primeiro pronome e com o segundo também ultrapassou o percentual de sujeitos nulos (61%). Vale observar que das ocorrências com o pronome *nós*, 11 foram realizadas pela mesma informante – em alguns casos em sequência de orações coordenadas e, em outros, sem a marca distintiva – das quais destacamos algumas:

- (24) O que eu me lembro, me lembro mesmo, assim muito, que **nós** ia na festa de Ratonés, depois da mãe ter, nós todos, assim, **nós** ia, na festa em Ratonés. (P2C)
- (25) Eram duas festas que tinha. É, era uma festa ..., e **nós** ia de pé, **cv** ia e **cv** voltava de pé. (P2C)
- (26) Então, **nós** se arrumemo pra ir lá na festa, era festa de Santa Catarina. (P2C)

É importante destacar que a entrevistada que realizou as ocorrências supracitadas era nossa informante de maior idade. Quanto às poucas ocorrências do pronome *nós* realizadas pelo grupo mais jovem (4 ocorrências), quase todas se referem a verbos irregulares, portanto, com desinência mais saliente, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (27) “Agora **cv**. vamos buscar, **cv**. vamos procurar o boi.” (P1B)
- (28) **Nós** fizemos os tapetes, né. (S1E)

Com relação à segunda pessoa do singular, conforme já mencionado, houve um predomínio do uso do pronome *tu*, em detrimento do pronome *você*, tanto para as sentenças de referência definida quanto arbitrária. Entretanto, diferentemente de nossa hipótese inicial, observamos que na maioria das ocorrências analisadas o pronome *tu* combinava-se com a forma verbal sem marca distintiva (marca zero), sendo compreensível, portanto, a elevada porcentagem de sujeitos plenos nesse contexto (78%)<sup>12</sup>.

- (29) Aí, eles botaram Santo Antonio de Lisboa, mas na maioria do, um monte de coisa se **tu** vai ver não tem, não aparece Lisboa aparece Santo Antonio, mas aí, mas essas placas que têm aqui por perto tem o Lisboa. (P1A)
- (30) Que **tu** tá com a mão no bolso? (P2C)
- (31) Cada um de nós, nós temos a nossa bruxaria porque Deus, ele te botou no mundo com uma forma de sobrevivência, então **tu** tens que sobreviver da forma que **tu** tem que ser, mas se tu, é assim oh, se **tu** se descobrir, porque é claro que todos se descobrem ... (P2D)
- (32) É sempre uma coisa assim: **tu** viaja e quando tu, **tu** que sempre chega e **cv** olha pra ponte assim, aí **cv** vê aquela ponte assim, **cv** sempre acha que o teu é mais agradável do que os outros. Daí **tu** diz: “ah, reclama tanto, meu Deus”. (S1F)

A terceira pessoa do singular, por sua vez, na presente amostra, apresentou índices significativos de sujeitos nulos, (42% e 32%, com e sem coordenadas) corroborando estudos já realizados. Contudo, conforme em 2.1.1.2, o sujeito nulo na terceira pessoa do singular ou plural é um recurso bastante produtivo para a indeterminação do sujeito (referência arbitrária). Por outro lado, quando a referência é definida, não mostrou ser um contexto de resistência ao sujeito pleno (33 e 34).

<sup>12</sup> É importante observar que os sujeitos nulos de segunda pessoa que não apresentavam uma correferência explícita não foram submetidos à variável *forma pronominal*, o que justifica a diferença percentual entre as variáveis *segunda pessoa do discurso* (44% de sujeitos nulos – que correspondem somente às formas singulares nessa rodada), e a forma de representação pronominal *tu* (21% de sujeitos nulos).

- (33) Mas antes **ele** usava o condomínio como estacionamento no carnaval porque nem, não tinha ninguém que tinha comprado lote e **ele** não queria construir uma casa ali porque **ele** já tinha outra, aí, **ele** foi usando aquilo, aí, com o dinheiro do carnaval, são, aqui são três noites né, de carnaval, e **ele** conseguiu fazer 10 mil em três noites só em estacionamento, com, o condomínio é bem grande, cabe, pô, cabe muito carro, e **ele** cobrava 10 reais... (P1A)
- (34) **Ele** era muito, é, muito querido, assim, sabe, tanto pelo, pela família, como pelo pessoal em geral, por causa da, da medicina dele, né, **ele** era homeopata, então, **ele** não cobrava pelos remédios que **cv** dava e, ele, até no dia que **ele** morreu, veio uma pessoa, nós tavamos velando, e ele, veio uma pessoa buscar remédio, que não sabia que **ele** tinha falecido, uma pessoa muito carismática, e uma coisa que eu me lembro muito, que **ele** morava onde que é o Clube Avante, do lado tinha, o clube era menor, e do lado tinha a casa dele, né, e **ele** vinha de lá, **ele** vinha visita, aqui, **ele** fazia, corria aqui, que a maioria aqui somos parentes, da mesma família, aí, **ele** vinha visitar os neto, e **ele** não andava no canto da estrada, **ele** usava uma bengala, uma boina de expedicionário da FEBE, e **ele** vinha sempre pelo meio do caminho... (S2H)

### 4.3 Estrutura sintática da oração

Conforme comentado na seção 3.1.1.3, classificamos sintaticamente as orações em principais, adjuntivas, relativas, completivas, coordenadas e clivadas, obtendo os seguintes resultados:

**TABELA 4.** Frequência de sujeito nulo e preenchido segundo estrutura sintática da oração

Estrutura sintática da oração	Nulos		Preenchidos	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Principais	141/377	37%	236/377	62%
Coordenadas	158/258	61%	100/38	38%
Adjuntivas	18/58	31%	40/58	68%
Relativas	9/52	17%	43/52	82%
Completivas	7/30	23%	23/30	76%
Clivadas	0/11	0%	11/11	100%
Total	333/786	42%	453/786	57%

Analisando a tabela acima, observamos que o índice de sujeitos nulos só superou o de plenos nas orações coordenadas, como era esperado. Ainda assim, é importante observar que a porcentagem de sujeitos plenos com essas orações foi bastante expressiva (38%). Já as orações clivadas apresentaram uso categórico do sujeito pleno.

As orações subordinadas, por sua vez, contribuíram para que o sujeito fosse realizado foneticamente, como podemos observar. Com relação a essas orações, todas apresentaram índice maior de sujeito preenchido que nulo (35 a 38). Quanto às relativas, especificamente, excluídas aquelas nas quais o relativo *que* funciona como sujeito – confirmamos os resultados obtidos por Duarte (1995); pois, na presente amostra, esse

foi o contexto sintático que mais favoreceu a realização plena do sujeito, como podemos observar na Tabela 3.

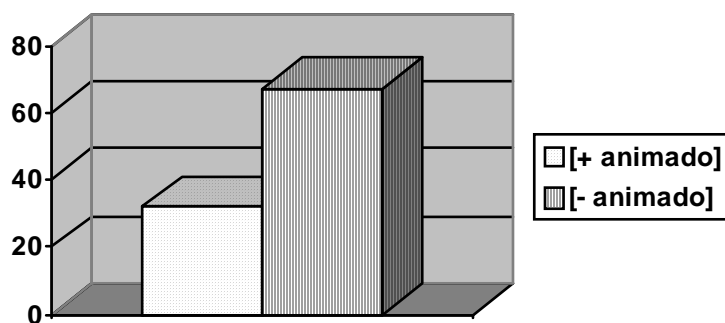
- (35) Aí, eles botaram Santo Antonio de Lisboa, mas na maioria do, um monte de coisa, se **tu** vai ver, não tem, não aparece Lisboa aparece Santo Antonio. (P1A)
- (36) Só porque **ela** não queria que **eu** amassasse o vestido que **nós** ia pra festa. (P2C)
- (37) O boi vai voltar pela mesma trilha onde **ele** entrou ali. (P1B)
- (38) Fui pra lá pra trabalhar, né, assim que eu me formei, que **eu** sou formada em eletrotécnica. (S2H)

Os resultados obtidos ratificam a hipótese inicial de que o percentual de sujeitos nulos seria maior nas orações coordenadas, enquanto que o de sujeitos plenos mostrou ser amplamente favorecido nas relativas e, em menor porcentagem, nas completivas e adjuntivas. Com relação às orações principais, esse demonstrou ser um contexto favorável ao sujeito pleno.

#### 4.4 Animacidade do sujeito

Conforme esperado, o traço semântico do referente mostrou ser um condicionamento importante para o fenômeno investigado. Devido ao fato de nas línguas de sujeito nulo nunca ser esperado um pronome pleno com referente [-animado], é compreensível que este fator seja favorável ao sujeito nulo, como ilustra o gráfico seguinte:

**Gráfico 2: Frequência de sujeitos nulos conforme animacidade do sujeito**



O gráfico acima ilustra que quando o referente apresenta o traço semântico [-animado], o sujeito é preferencialmente nulo (67%). Todavia, quando o referente é [+ animado], a preferência é pelo sujeito pleno (32% de sujeito nulo). O resultado de sujeitos plenos com referentes [- animados] é bastante expressivo, se considerarmos que línguas de sujeito nulo prototípicas não admitem um sujeito expresso com este traço semântico. Também é importante ressaltar que o elevado número de sujeitos nulos de referência [+ animada] (32%) explica-se, em parte, pela inclusão dos sujeitos de referência arbitrária na análise, que como veremos na próxima subseção é um contexto favorável ao sujeito nulo.



#### 4.5 Referência do sujeito

Diferentemente de Duarte (1995), não analisamos as referências definidas e arbitrárias separadamente<sup>13</sup>. Inicialmente, havíamos definido dois tipos de referência: definida e arbitrária. Todavia, ao notar que havia um terceiro tipo de referência que não parecia ser nem definida tampouco arbitrária, resolvemos classificá-la como genérica, dado que não fazia referência a um referente específico, senão a um grupo, classe, espécie; controlando, portanto, esses três fatores, conforme ilustra o exemplo a seguir<sup>14</sup>.

(39) Não, ali é soltado o boi, e o boi é arrisco, na real, mas **ele** fica correndo, o povo, **ele** corre porque vê aquela muntueira do povo, **ele** é arrisco, **cv.** vai sair correndo, o primeiro que passar na frente que ele tiver correndo, **ele** tá correndo, né, como é que **cv.** não vai pegar um, **eles** querem fechar a estrada, o bicho vai ter que passar por ali, é obvio que **ele** vai pegar um, **ele** é arrisco.

No exemplo acima, o SN *o boi* representa a espécie a que pertence, e não um boi específico, portanto, é uma referência genérica. Contudo, esse tipo de referência comporta-se de maneira semelhante à referência definida; porém, esta apresenta um maior número de sujeitos plenos que aquela, como mostra a tabela seguinte.

**TABELA 5.** Frequência de sujeito nulo e preenchido segundo o tipo de referência do sujeito

Tipo de referência do sujeito	1ª Rodada				2ª Rodada			
	Nulo		Preenchido		Nulo		Preenchido	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Definida	224/593	37%	369/593	62%	119/400	29%	281/400	70%
Genérica	54/108	50%	54/108	50%	21/52	40%	31/52	59%
Arbitrária	56/85	65%	29/85	34%	35/58	60%	23/58	39%
Total	334/786	42%	452/786	57%	175/510	34%	335/510	65%

Quanto aos sujeitos de referência arbitrária, o percentual de sujeitos nulos supera o de plenos. Como já foi apresentado anteriormente, o sujeito nulo é um recurso bastante produtivo para assinalar a indeterminação do sujeito, sendo essa uma das formas tradicionais, juntamente com o pronome *se*. Por outra parte, a porcentagem de sujeitos plenos nesse contexto é bastante expressiva (34% e 39%), o que se explica pelo fato de haver outras estratégias de indeterminação do sujeito – como o uso de pronomes pessoais.

(40) Não tem mais como ficar dando terreno, né, tá tudo lotado, não tem nem espaço mais pra fazer casa, ou **tu** compra a casa do, de outra pessoa, ou **tu** não mora aqui. (P1A)

<sup>13</sup> Devido ao fator tempo, não foi possível realizar uma análise tão detalhada como a de Duarte (1995).

<sup>14</sup> É importante destacar que Duarte (1995) controlou os sujeitos genéricos juntamente com o grupo de fatores referente à animacidade do sujeito, [+ animado; + genérico]; incluindo-os nos dados de referência definida.

Em (40), o pronome pessoal de 2ª pessoa não se refere ao interlocutor, sendo que o sujeito está indeterminado (referência arbitrária); ou seja, a ação de comprar a casa no bairro em questão pode ser atribuída a qualquer pessoa, inclusive ao próprio locutor. Como podemos observar na tabela 5, os resultados obtidos permitem corroborar as hipóteses levantadas em 2.1.1.5.

#### 4.6 Variáveis sociais

Com relação às variáveis sociais, a escolaridade não mostrou ser um fator condicionador relevante para o fenômeno analisado, apresentando equilíbrio de sujeitos plenos: 57% e 64%, para escolaridade inferior e superior a 12 anos, respectivamente. A faixa etária, por sua vez, curiosamente, apresentou diferença nos resultados não no sentido esperado, mas no sentido inverso, ou seja, a faixa etária mais jovem apresentou menor percentual de sujeitos preenchidos que a faixa etária maior: 62% e 74%. Com base nos resultados apresentados, não se pôde comprovar a hipótese de que a faixa etária maior apresentaria um percentual maior de sujeitos nulos que a faixa etária menor.

#### 4.7 Fatores condicionadores

Por fim, realizada a análise multivariada, o grupo de fatores correspondente às diferentes formas pronominais de representação do sujeito foi selecionado pelo programa computacional Goldvarb 2001 como mais significativo para o fenômeno do sujeito nulo. Ademais, os outros grupos de fatores selecionados pelo programa foram a pessoa do discurso, a animacidade, a referência do sujeito, a estrutura sintática da oração, bem como a faixa etária, nessa ordem de importância. A tabela seguinte apresenta os pesos relativos obtidos para cada fator selecionado.

**TABELA 5.** Fatores selecionados como significativos para a ocorrência do sujeito nulo

<i>Fator</i>	<i>Peso Relativo</i>
<b>Pessoa do discurso</b>	
1ª Pessoa sing./plural	.39
2ª Pessoa sing./plural	.95
3ª Pessoa sing./plural	.56
<b>Forma de representação do sujeito</b>	
Eu	.77
Tu	.01
Ele	.29
Nós	.75
A gente	.10
Eles	.18
<b>Estrutura sintática da oração</b>	
Principal	.55
Adjuntiva	.39
Relativa	.29
Completiva	.40

<b>Animacidade do sujeito</b>	
[+ animado]	.45
[- animado]	.93
<b>Referência do sujeito</b>	
Definida	.40
Arbitrária	.85
Genérica	.69
<b>Faixa etária</b>	
Entre 15 a 35 anos	.63
Acima de 39 anos	.38

Analisando a Tabela 5, podemos atribuir o fato de a 2ª pessoa ter favorecido o sujeito nulo ao uso do pronome-zero no contexto de Florianópolis, como estratégia para referir-se ao interlocutor.

Quanto às formas pronominais, as que mais favoreceram o sujeito pleno foram *tu* e *a gente*, enquanto que no outro extremo apareceram os pronomes *eu* e *nós* como principais condicionadores do sujeito nulo. No primeiro caso, pode-se atribuir a necessidade de expressão fonética do sujeito devido a ambos os pronomes poderem combinar-se com formas verbais com marca morfêmica zero. No segundo caso, uma possível explicação para o apagamento do sujeito deve-se ao fato de ambas as formas se combinarem com formas verbais com desinências distintivas exclusivas<sup>15</sup>.

Com respeito à estrutura sintática, as orações relativas mostraram ser favorecedoras do sujeito pleno, corroborando nossa hipótese inicial. O traço semântico [- animado] do referente, por sua vez, mostrou ser um fator condicionador do sujeito nulo, o que é bastante compreensível, já que em línguas de sujeito nulo prototípicas, nunca é esperado um sujeito expresso nesse contexto. Com relação à referência do sujeito, já imaginávamos que os de referência arbitrária apresentariam um peso relativo maior de sujeitos nulos que os de referência definida, visto que o uso da forma verbal na terceira pessoa do singular ou plural é uma das estratégias para indeterminação do sujeito.

Por fim, as variáveis sociais não tiveram grande influência sobre o fenômeno investigado, evidenciando que não há estigma ou prestígio social com relação ao mesmo. É importante destacar, porém, que quando se trata das formas pronominais envolvidas é bastante perceptível que há valores sociais envolvidos no seu uso e julgamento (cf. subseção 4.2).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para este estudo veio da curiosidade de investigar se os descendentes de portugueses nascidos e residentes em Florianópolis apresentariam mais semelhanças com o português europeu ou com o português brasileiro, quanto ao fenômeno analisado. Acreditava-se que, pelo fato de em Florianópolis haver um predomínio do uso do *tu*,

<sup>15</sup> É importante observar que o pronome *nós* também poder combinar-se com formas verbais sem marcas distintivas (cf. dados 24 e 25, por exemplo), porém seu número de ocorrências foi menor se comparado ao do pronome *a gente* (cf. vimos na seção 4.2).

somado ao fato da descendência luso-brasileira dos entrevistados, o percentual de sujeitos nulos seria mais expressivos que o de outros estudos realizados em regiões onde predomina o uso de *você*. O que observamos, porém, é que apesar do predomínio de *tu* nos dados analisados, esta forma pronominal combinava-se, na maioria das vezes, com a marca morfêmica zero. Também, houve um uso maior de *a gente* que o do pronome *nós* – este combinado, em várias ocorrências, com a marca zero também. Dessa forma, com base na amostra utilizada, observamos que o paradigma flexional no contexto analisado também se encontra bastante reduzido, o que favorece a realização fonética do sujeito.

Para finalizar, o trecho transcrito abaixo nos ilustra a atual fase do PB com relação ao parâmetro do sujeito nulo, ou seja, o fenômeno está em evidente variação, com vantagem para o sujeito pleno. Podemos observar que nem o fato de o correferente encontrar-se na oração imediatamente anterior impede a realização plena do sujeito, tampouco o fenômeno de coordenação.

- (41) Quando **eu** era soltera, **eu** morei em Jaraguá do Sul. **cv**. Fui pra lá pra trabalhar, né, assim que **eu** me formei, que **eu** sô formada em eletrotécnica, **cv**. não sou formada em magistério, **eu** fiz pedagogia depois, né. **eu** sou formada em eletrotécnica, aí, **cv**. fui pra lá pra trabalhar, mas como **eu** sô a caçula da fa, da casa, meu pai fico doente, aí, **eu** voltei, **cv**. não fui mais.

Os resultados obtidos, apesar da singela amostra, nos permitem corroborar a hipótese de Duarte (1995) de que o português brasileiro perdeu o princípio “Evite pronome” e está em processo de mudança, até mesmo em contextos sociais nos quais o uso do *tu* se sobrepõe ao uso do *você*, como é o caso específico de Florianópolis.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Variação sintática e mudança paramétrica**. In: RONCARATI, C. (Org.) *Línguas e variação lingüística no Brasil*. Revista Gragoatá, n. 9, Niterói: EdUFF, 2001. p. 75-83.

\_\_\_\_\_. **O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas**. S. J. do Rio Preto: Revista do GEL, v. 5, n. 1, 2008. p. 9-30.

DUARTE, M. E. L. **O sujeito expletivo e as construções existenciais**. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história I*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

KATO, M. A.; TARALLO, F. **The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese.** In: SCHLIEBE-LAMNE, B.; VILLAÇA KOCH, I.; JUNGBLUTH, K. (orgs). *Dialog zwischen den Schulen.* Münster: Nodus Publikationen, 2003. 101-129.

LABOV, W. [1972]. **Padrões sociolingüísticos.** (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: *Language in Society*, Great Britain, 1978, p. 171-182.

MENON, O. P. da S.; LOREGIAN-PENKAL, L. **Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil.** In: *Variação e mudança no português falado na região sul.* Pelotas: Educat, 2002.

OLIVEIRA, M. A. de. **Variável linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical.** In: *Delta*, vol. 3, n. 1, 1987, p. 19-34.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** (Tradução de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.